

A CONTRADIÇÃO HUMANA na Quinta da Condessa

Um professor chega à biblioteca de uma escola básica para ler aos alunos e ouvi-los ler. Deixar livros e cadernos e histórias no ar. E a promessa de voltar daí a três semanas (na verdade, o professor vai à escola todas as semanas, mas só de três em três volta a estar com os mesmos alunos). Para criar rotinas de leitura. Criar raízes. Um dia normal de escola que não seja normal. Uma contradição nunca vem só?

Um livro pelo menos nunca vem só, traz sempre muitas coisas pelo caminho. Tal acontece com a obra de Afonso Cruz, *A contradição humana* (Lisboa: Caminho, 2010), em que as contradições, “estas coisas que desafiam a lógica de todo o universo conhecido”, enunciadas pelo narrador, podem conduzir o leitor à lembrança de um poema já lido, a um acorde musical já ouvido, a uma situação a explorar, a um filme que é preciso ver, a uma conversa que podemos ter, a um texto que podemos escrever. Às vezes até temos mais coisas para transportar e, após a leitura de uma página, de um episódio, de um texto ou de uma imagem, surgem ideias para novos textos que devem, urgentemente, ser escritos. Ou desenhados. Ou discutidos. E necessariamente partilhados.

A seguinte proposta de leitura de *A contradição humana*, de Afonso Cruz (Lisboa: Caminho, 2010), desenvolvida na Biblioteca da Escola Básica Quinta da Condessa, dirigida a alunos do 1.º ciclo, mostra-nos um caminho possível para trabalhar esta obra, dando voz à intertextualidade para formar leitores que consigam ir além do texto. E o percurso sugerido tenta literal e intertextualmente ir além desse texto.

É uma proposta que, *intencionalmente*, não procura seguir os conteúdos definidos no programa de Português, nem as obras sugeridas para leitura, nem os géneros textuais, nem as estratégias e modo de as operacionalizar. Como tal, sugerimos a liberdade de os professores escolherem percursos alternativos para observarem ocorrências de natureza linguística, literária, artística e estética que os alunos podem problematizar, discutir, esclarecer e exercitar, compreendendo outras intencionalidades comunicativas e outros códigos e mobilizando recursos verbais e não verbais para usar fluentemente a língua.

Construir um cenário de leitura partilhada

Leitura ou reconto de uma história feito por um aluno da turma.

[*Ambas as atividades seriam preparadas previamente com o professor da turma, estando o reconto previsto para os alunos mais novos, tipicamente do 1.º ano, e a leitura prevista para os alunos mais velhos, a partir do 2.º ano.*]

[*Deveria prevalecer a ideia de surpresa e de reciprocidade: a ida de um professor à biblioteca cria uma situação de um dia diferente na escola, em que quer os alunos quer o professor se podem surpreender reciprocamente com as leituras propostas. Sugere-se que o percurso de leitura seja feito em múltiplas direções: professor / alunos, alunos / alunos, alunos / professor.*]

P

Conversa a partir do caderninho onde registaram textos ou imagens acerca dos livros que leram.

[*O caderninho, que todas as turmas receberam, poderia servir para registarem ideias ou textos sobre os livros que leram, por sua iniciativa ou por iniciativa dos professores, criando uma rotina de escrita ligada à leitura. Como um ‘diário de leituras’. Um ‘diário de bordo’ dos leitores-navegadores, de livros em papel ou de livros digitais.*]

[*Continua a prevalecer a ideia de interação e de reciprocidade: ler o que escreveram, ler para escreverem, escrever ou desenhar para expressar ideias ou sentimentos, falar do que escreveram...*]

O que nos diz um livro

I. O professor lê excertos de *A contradição humana*, de Afonso Cruz (Lisboa: Caminho, 2010).

[*Os excertos a ler podem depender da idade e da maturidade dos alunos. Os mais velhos poderão ouvir todas as histórias. As contradições mais ‘concretas’ são mais úteis para os mais novos: a inversão da imagem nos espelhos, as pessoas e a sua sombra, o amor aos pássaros e as gaiolas, a felicidade e a tristeza (da música), a altura da voz e a distância a que as palavras chegam...*]

II. Confronto de impossibilidades [incoerências].

Nem tudo bate certo no poema *Um dia de loucos – trinta ossos duros de roer*, de Walter Benjamin¹, que vão ouvir. Que incoerências conseguem aqui encontrar?

*Estava escuro, a lua a brilhar,
E um carro, como louco, a acelerar,
Passava lento pela esquina redonda.
Lá dentro, pessoas sentadas em pé,
Caladas, em conversa animada,
E a lebre que o caçador matou
Num banco de areia muito patinou!*

III. Reconto de incoerências.

Recordemos a sugestão do narrador (p. 10): dizer “*segredos tão baixinho que parece impossível que se façam ouvir a tão grandes distâncias*”.

Recontem como se fosse um segredo, um a um, uma micro-história (circularmente ‘incoerente’), num ‘projeto’ de leitura como o do telefone estragado, a partir do texto “Eterno retorno III”, escrito por uma aluna em 2012 no âmbito do projeto Clube SMS, em que os alunos escreviam microficcões para serem lidas no ecrã do telemóvel das pessoas (alunos, professores, funcionários) que ‘subscreviam esse serviço’ (cf. <http://klubesms.blogspot.pt/2012/03/eterno-retorno-iii.html>).

[*A seguinte micro-história de Patrícia C. (aluna do 8.º ano, participante do projeto do Clube SMS) é um exemplo do que pode surgir desta atividade:*

*Ele tinha um peixe.
Comprou um papagaio, que comeu o peixe;
comprou um gato que comeu o papagaio;
comprou um cão que comeu o gato.
Comprou outro peixe.
Comprou um papagaio, que comeu o peixe...]*

¹ Poema introdutório do livro *Um dia de loucos – trinta ossos duros de roer*, de Walter Benjamin, com ilustrações de Marta Monteiro [Figueira da Foz: Bruá Editora, 2016].

IV. A música também pode ser incoerente?

Fechem bem os olhos, abram bem os ouvidos e ouçam: o que é que a música que vão ouvir vos faz lembrar?

Será que encontram contradições entre estas duas músicas (excertos musicais de Beirut², “El Zócalo”, 29” e Carlos Medeiros³, “Caracol”, 2’50”)?

V. E o cinema?

Afonso Cruz diz que o vizinho do sétimo esquerdo toca músicas tristes e que isso o deixa (contraditoriamente) feliz.

Agora imaginem um menino muito, muito gordo. Como é que acham que esse menino, que não consegue brincar com os amigos, que ainda por cima troçam dele por ser assim gordo, consegue ser feliz?

Vejam, então, o que acontece no filme *Azul* – curta-metragem francesa de Vincent Coni, Anne-Sophie Palermo, Julien Thebault, 2007, 5’46”. [paragem aos 4’19”: o que conta a história até este momento? Como imaginam que o filme vai acabar?]

Como explicam a escolha final do menino?

VI. *Eu espero* voltar daqui a 3 semanas. Posso ouvir-vos lerem ou contarem uma (nova) história?

João Pedro Aido
Maria Vitória de Sousa

² Beirut, *March of the Zapotec*, 2009.

³ Carlos Medeiros, *O Cantar Na M’Incomoda*, 2010.

Indicações editoriais para o envio de textos

Os editores aceitam o envio de originais dentro da linha editorial da revista Palavras, quer para a secção de Pedagogia/Didática, quer para a de Estudos Linguísticos, de Estudos Literários ou das Fichas Pedagógicas. Os textos em suporte digital devem ter entre 12.500 e 50.000 caracteres (incluindo espaços) e ter em conta os seguintes aspetos:

- indicar sempre uma morada, telefone de contacto, endereço de correio-e e instituição de trabalho;
 - os editores encorajam os autores a submeterem os textos sob a forma de ficheiro anexo a uma mensagem de correio enviada para aprofport@app.pt.
- numerar todas as notas de rodapé ao longo do texto;
- evitar a utilização de negritos e sublinhados sempre que possível, substituindo-os por itálicos;
- incluir uma bibliografia de todas as obras citadas e de outras que sejam pertinentes para se aprofundar o estudo do assunto tratado;
- indicar ao longo do texto as obras citadas na bibliografia no formato (Apelido: data, página)
- traduzir todos os textos citados, de preferência utilizando a tradução ao longo do artigo e reservando as notas de rodapé para citar o original;
- a reprodução de imagens no corpo do texto só é possível se elas forem da autoria do responsável pelo texto ou, não o sendo, se for apresentada a autorização do autor de acordo com o estabelecido pelo regime de direitos de autor.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo dos textos e pela exatidão de todas as citações, títulos, nomes e datas.

Os editores encorajam fortemente os autores a citarem sempre as fontes originais e a indicarem em *apud* todas as citações indiretas.

A *bibliografia* deve adotar o formato a seguir exemplificado:

Aristóteles. *Poética*, trad. de Eudoro de Sousa, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

Curtius, Ernst Robert (1948). *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, Berna: A. Francke AG Verlag. Trad. de Margit F.

Alatorre e António Alatorre, *Literatura europea y Edad Media Latina*, Madrid: Ed. F.C.E. España, 1984.

Duarte, Inês (1977). "Ensinar Português: para quê e como?". In *Palavras*, 11, Lisboa: Associação de Professores de Português, pp. 66-74.

Frota, Sónia (1999). "Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação". In Castro, Rui V. e Pilar Barbosa (orgs.). *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, vol. 1, pp. 513-532.

Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Nespor, Marina e Irene Vogel (1986). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

Sainte-Beuve, C. A. (1862). "Chateaubriand". In A. Schinz (ed.). *Nineteenth Century French Readings*. New York: Holt, 1955, vol. 2, pp. 16-22.

Saramago, José (1994). *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 46ª edição, 2009.

A revista não paga a publicação dos artigos, mas oferece uma assinatura anual (dois números) aos respetivos autores.